
Fazendo arte para aprender: A importância das artes visuais no ato educativo

Elizangela Aparecida da Silva*
Fernanda Rodrigues Oliveira
Leticia Scarabelli
Maria Lorena de Oliveira Costa
Sâmyla Barbosa Oliveira

Orientadora: Profa. Vera Lucia Lins Sant'Anna**

“Toda criança é artista. O problema é como permanecer artista depois de crescer”.
Picasso.

Resumo

O presente artigo apresenta o histórico da arte, vista como uma ciência que, para ser reconhecida institucionalmente, percorreu um longo caminho, a importância de se trabalhar as Artes Visuais dentro da sala de aula, fazendo uma reflexão sobre o desenvolvimento cognitivo, afetivo e motor da criança através das diferentes linguagens artísticas presentes nas Artes Visuais, identificando e mostrando como a criança se desenvolve na aprendizagem através das Artes Visuais (pintura, desenho, arte tridimensional (modelagem), recorte e colagem). Neste trabalho, usamos aportes teóricos ligados a Artes Visuais, Arte e Educação, Psicologia (desenvolvimento infantil), Educação, Documentos Legais que abordam a questão do ensino da Arte para a criança e, no contexto atual de um mundo globalizado, a questão da Mídia como divulgadora e influenciadora da produção artística.

Palavras-chave: Artes Visuais; Cognitivo; Interação Social; Afetivo.

Introdução

O presente artigo aborda o histórico da Arte, que pode ser identificada como uma ciência que vem percorrendo um longo caminho para ter seu reconhecimento institucional.

O ensino no Brasil, que passou por diversos métodos, na maioria das vezes importados sem a devida adaptação, apresenta concepções sobre a importância das artes visuais baseada nos Parâmetros Curriculares

Nacionais de Artes e na Lei de Diretrizes e Bases da Educação. Caracteriza as diferentes linguagens presentes nas Artes Visuais no processo de aprendizagem como: desenho, uma das manifestações que tem a função de atribuição de significação ao que se expressa e se constrói; pintura, que pode ser definida como a arte da cor; arte tridimensional (modelagem), em que se procura explorar aquilo que a rodeia através do tato, da manipulação dos objetos aguçando sua curiosidade; recorte e colagem, que propiciam à criança dos primeiros anos

*Alunas do Curso de Pedagogia da PUC Minas.

**Mestre em Educação e Doutora em Ciências da Religião. Professora e pesquisadora da PUC Minas.

escolares o aperfeiçoamento de conteúdos de coordenação motora, criatividade e desenvolvimento da sensibilidade, noções de espaço e superfície. E, no contexto atual de um mundo globalizado, é tratada a questão da Mídia como divulgadora da produção artística. Todas essas questões foram observadas e analisadas em uma escola da rede particular, da região centro-sul de Belo Horizonte, fazendo uma relação com os teóricos estudados e apresentados no artigo.

Trajeto das artes visuais até a escola: Uma abordagem teórica

A arte, numa perspectiva histórica, pode ser identificada como uma ciência que vem percorrendo um longo caminho para ter seu reconhecimento institucional.

O ensino de Arte no Brasil, ao longo do tempo, passou por diversos métodos, na maioria das vezes importados sem a devida adaptação, desde a colonização com os jesuítas, impondo a separação entre a retórica e a manufatura e negando a cultura indígena, passando pelo século XIX com a negação do barroco em favor do neoclássico.

Já no século XX, havia uma grande preocupação com o ensino de Arte que até então se resumia ao ensino do desenho, este visto como um importante meio para formação técnica. A disciplina Desenho, apresentada sob a forma de Desenho Geométrico, Desenho do Natural e Desenho Pedagógico, era considerada mais por seu aspecto funcional do que uma experiência em arte. (BRASIL, 2000, p. 25). Em meados da segunda metade do século XX, a pedagogia experimental sinalizava um novo lugar para arte na educação. No momento em que a criança conquista seu lugar como sujeito, com características próprias, deixando de ser apenas um projeto de adulto, o desenho infantil passa ser objeto de estudo cognitivo.

Com a Semana da Arte Moderna em 1922, os modelos de educação técnica voltada para o trabalho, com forte identificação ao

estudo do desenho clássico e do desenho geométrico, começaram a ser contestados, passando a valorizar a expressão infantil.

No início dos anos 30, também começaram a ganhar espaço no Brasil escolas especializadas em artes para crianças e adolescentes. No final dos anos 40, o ensino de arte conquista mais espaços fora dos muros da escola com as “Escolinhas de Arte” implantadas em vários pontos do país. Este movimento visava a um ensino de arte pautado na livre expressão, como um rumo alternativo na busca de uma identidade ainda desconhecida. Segundo Ana Mae Barbosa, a Escolinha de Arte, em parceria com o governo, promoveu vários cursos de formação de professores, com “uma enorme influência multiplicadora, chegando a haver 32 Escolinhas no país” (BARBOSA, 2003).

Nos anos 70, a apresentação dos programas reflete influência da tendência tecnicista. O ensino de arte é fortemente influenciado pelas ideias de Lowenfeld e Herbert Read, o que levará ao espontaneísmo, ao *laissez-faire*, na maioria das escolas.

A Lei de Diretrizes e Bases nº 5.692/71 é tecnicista e incita à profissionalização; o trabalho pedagógico fragmentou-se para tornar o sistema educacional efetivo e produtivo. Através dessa lei, foi instituída no currículo a Educação Artística, reunindo todos os tipos de linguagem tornando o ensino de artes polivalente. A promulgação da lei, sem prever anteriormente a formação dos professores e sua qualificação, enfraqueceu a qualidade de ensino, ao invés de promover melhorias nas condições já existentes. (BEMVENUTI, 1997, p. 44). Em 1973, criaram os cursos superiores em Educação Artística, uma formação com duas opções, a licenciatura curta em dois anos e a licenciatura plena em quatro anos. Com cursos de curta duração e um currículo abrangente que propunha conhecimentos de música, artes plásticas e teatro, os professores conheciam superficialmente as linguagens e conduziam o ensino sem uma concepção

filosófica adequada, sem a essência do ensino de arte. Com ausência de formação continuada consistente, conhecimentos básicos de arte, os professores sentem-se despreparados, inseguros e sem capacidade e disposição de tempo para aprofundar seus conhecimentos, nem para explicitar, discutir e praticar um planejamento mais consistente de educação e arte, e passam a apoiar-se nos livros didáticos de Educação Artística produzidos desde o final da década de 70. Nas escolas, a arte ocupa apenas o lugar de relaxamento, lazer, sendo ignorada como área de conhecimento. Com a nova LDB (lei nº 9.394/96), é extinta a Educação Artística e entra em campo a disciplina Arte, reconhecida oficialmente como área de conhecimento.

O artigo 26 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, em seu § 2º, dispõe que:

§ 2º. O ensino da arte constituirá componente curricular obrigatório, nos diversos níveis da educação básica, de forma a promover o desenvolvimento cultural dos alunos.

Essa mudança não foi apenas nominal, mas de toda a estruturação que envolve o tratamento de uma área de conhecimento. De atividades esporádicas de cunho mais próprio de relaxamento e recreação, passa-se ao compromisso de construir conhecimentos significativos em arte.

Artes visuais, como um conjunto de manifestações artísticas, compreendem todo o campo de linguagem e pensamento sobre olhar e sentido do ser humano. As Artes que normalmente lidam com a visão como seu meio principal de apreciação costumam ser chamadas de Artes Visuais. Porém as artes visuais não devem ficar restringidas apenas ao visual, pois, através dessas manifestações artísticas (desenho, pintura, modelagem, recorte colagem entre outros), há vários significados que o artista deseja passar.

Segundo Panofsky (1989), uma obra de arte deve ser definida como um “objeto feito pelo homem que exige ser esteticamente experienciado”.

As Artes Visuais são linguagens, por isso são uma forma muito importante de expressão e comunicação humanas, isto justifica sua presença na educação infantil. O ensino de Arte aborda uma série de significações, tais como: o senso estético, a sensibilidade e a criatividade.

Atualmente, algumas ações estão interferindo qualitativamente no processo de melhoria do ensino e aprendizagem de Arte.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais de Arte destacam que:

Dentre as várias propostas que estão sendo difundidas no Brasil na transição para o século XXI, destacam-se aquelas que têm se afirmado pela abrangência e por envolver ações que, sem dúvida, estão interferindo na melhoria do ensino e da aprendizagem de arte. Trata-se de estudos sobre a educação estética, a estética do cotidiano, complementando a formação artística dos alunos. Ressalta-se ainda o encaminhamento pedagógico- artístico que tem por premissa básica a integração do fazer artístico, a apreciação da obra de arte e sua contextualização histórica. (PCN, 2000, p. 31).

Podemos destacar a “Proposta ou Metodologia Triangular” difundida e orientada por Ana Mae Barbosa, que vem se afirmando por sua maior abrangência cultural. Essa proposta pedagógica integradora tem por base trabalhar três vertentes do conhecimento em arte: o fazer artístico, a leitura da imagem e a contextualização histórica.

Outra ação que está interferindo na melhoria do ensino e da aprendizagem de Arte se refere a estudos sobre a educação estética do cotidiano, complementando a formação estético-artística dos alunos.

Caracterização das diferentes linguagens nas artes visuais no processo de aprendizagem

A criança, desde bebê, se interessa pelo mundo de forma peculiar. Emitindo sons, movimentando o corpo, “rabiscando” as paredes da casa e desenvolvendo atividades rítmicas, ela interage com o mundo sem precisar ser estimulada para tal.

Fazer arte reúne processos complexos em que a criança sintetiza diversos elementos de sua experiência. No processo de selecionar, interpretar e reformar, mostra como pensa, como sente e como vê. A criança representa na criação artística o que lhe interessa e o que ela domina, de acordo com seus estágios evolutivos. Uma obra de arte não é a representação de uma coisa, mas a representação da relação do artista com aquela coisa. [...] Quanto mais se avança na arte, mais se conhece e demonstra autoconfiança, independência, comunicação e adaptação social. (ALBINATI, 2009, p. 4).

Assim sendo, a arte propicia à criança expressar seus sentimentos e ideias, colocar a criatividade em prática, fazendo com que seu lado afetivo seja realçado. Tendo essa observação voltada para o âmbito escolar, vemos claramente como as artes visuais são essenciais na interação social da criança e como os professores podem desfrutar desse recurso para isso.

Além de utilizar as artes visuais para trabalhar o afetivo e a interação social da criança, o professor pode utilizá-las no auxílio da motricidade infantil que deve ser bem trabalhada desde a infância para que, futuramente, ela possa sentir a diferença desse recurso na sua vida pessoal, escolar e profissional.

Sendo assim, o presente artigo destaca cinco tipos de linguagens nas artes visuais que são utilizadas com as crianças no cotidiano escolar. São elas: desenho,

pintura, modelagem, recorte/colagem e mídia (informática).

Desenho

O desenho é uma das manifestações semióticas, isto é, uma das formas através das quais a função de atribuição da significação se expressa e se constrói. Desenvolve-se concomitantemente às outras manifestações, entre as quais o brinquedo e a linguagem verbal (PIAGET, 1973).



Figura 1

Fonte: Simone Villani

A criança, inicialmente, vê o desenho como simplesmente uma ação sobre uma superfície, sentindo prazer em “rabiscar”, explorar e descobrir as cores e novas superfícies. Essa é a chamada fase da garatuja.

Com as novas experiências de mundo que a criança adquire, as garatujas vão evoluindo, ganhando formas definidas com maior ordenação. O papel não é mais apenas uma superfície para os rabiscos infantis. Ele passa a ser uma superfície na qual a criança expressará o que vive diariamente, ou seja, expressará a alegria, a tristeza, os passeios que mais interessaram, a dinâmica familiar (inclusive

os conflitos vividos dentro de casa). Segundo Cunha, “devemos lembrar que os registros resultam de olhares sobre o mundo. Se o olhar é desinteressado e vago, as representações serão opacas e uniformes. (Referencial Curricular Nacional, 1999, p. 12)”.

[...] a criança desde bebê mantém contato com as cores visando explorar os sentidos e a curiosidade dos bebês em relação ao mundo físico, tendo em vista que, nesse período, descobrem o mundo através do conhecimento do seu próprio corpo e dos objetos com que eles têm possibilidade de interagir. (CUNHA, 1999, p. 18).

Desenhar, além de ser algo prazeroso para a criança, é extremamente importante no cotidiano escolar. De acordo com o Referencial Curricular Nacional de Educação Infantil:

Por meio de diferentes gestos em um plano vertical (ou pelo menos inclinado), a criança aprende a segurar corretamente o giz e o lápis. Para que a criança adquira um traço regular, precisará trabalhar com certa rapidez, sobre uma grande superfície colocada a sua altura. A criança que não domina bem seu gesto será solicitada a trabalhar, sobretudo, com o ombro e o cotovelo: fará então desenhos grandes. Somente mais tarde, quando os movimentos altura do ombro e do cotovelo tornarem-se desenvolvidos, faremos diminuir as proporções dos desenhos, exigindo assim da criança um trabalho mais específico do punho e dos dedos.” (1998, p. 106).

O professor pode explorar superfícies diferentes como lixa, papelão, papel branco, madeira, chão, entre outros, para ajudar no desenvolvimento motor da criança.

No ato de desenhar, a criança expressa seu lado afetivo com a manifestação orgânica da emoção, a criança usa o papel e o lápis para expressar os seus sentimentos no desenho, a sua relação com a família, os amigos, a escola. Através dos traços feitos pela criança,

até mesmo pelas cores usadas, o professor consegue perceber o que está acontecendo com ela, e que pode estar levando-a ao fracasso escolar.

Com o avançar do desenho infantil, a criança também desenvolve melhor o seu cognitivo, já que ela, primeiro, representa o que vê para depois representar o que está gravado (fotografado) na memória, ou seja, ela aprende a sair do plano palpável para o plano abstrato. O que ajudará muito na iniciação matemática, futuramente, com as tão “temidas continhas” que são trabalhadas de forma tátil para depois ser retratadas de forma abstrata.

Dessa forma, o desenho passa a ter uma significação muito mais ampla na educação infantil e, assim, merece ser tratado como mais que simples rabiscos, sendo valorizado como um auxiliador importante no desenvolvimento da criança.

Pintura

A pintura pode ser definida com a arte da cor. Se no desenho o que mais se utiliza é o traço, na pintura o mais importante é a mancha da cor. Ao pintar, vamos colocando sobre o papel, a tela ou a parede cores que representam seres e objetos, ou que criam formas. (COLL; TEBEROSKY, 2004, p. 30).

A pintura trabalhada com as crianças tem objetivos que vão além do simples prazer em manipular mãos e pincéis. Através do contato com diversos materiais disponíveis para a manipulação com as tintas, cola, álcool, entre outros, as crianças podem expressar sentimentos diversos na superfície trabalhada, além de desenvolver, assim como o desenho, sua habilidade motora que, futuramente, na sua alfabetização, será fundamental no desenvolver das letras.

Pintar é, antes de tudo, uma arte que deve ser usada também na Educação Infantil como fator de desenvolvimento motor, afetivo e social da criança. Interpretar obras, recriar

imagens, pintar por observação são atividades que mostram possibilidades de transformações, de reconstrução, de reutilização e de construção de novos elementos, formas, texturas, etc.



Figura 2
Fonte: Simone Villani

A relação que a criança estabelece com os diferentes materiais se dá, no início, por meio da exploração sensorial e da utilização em diversas brincadeiras. Tudo isso influenciará na sua criatividade e imaginação.

Uma característica essencial da pintura é o que se pode ou não fazer com ela através do jogo de cores. A criança não constitui um conceito de cor olhando simplesmente algo colorido, mas durante repetidas ações de comparar, nomear, transformar, enfim, falar das relações entre as cores que são apenas três básicas (azul, vermelho, amarelo), que formam todas as outras. Percebendo isso, o lado sensível e imaginário da criança pode ser aguçado, ajudando-a a se formar como um ser completo, criativo, concentrado.

Arte Tridimensional

Durante sua vida, a criança procura explorar aquilo que a rodeia através do tato, da manipulação dos objetos aguçando sua curiosidade. Cabe ao professor explorar essa curiosidade, buscando desenvolver atividades que instiguem essas características. Um bom aliado são as atividades artísticas que envolvem a modelagem ou, na atualidade,

a arte tridimensional (por apresentar altura, largura e profundidade). Segundo Cunha:

[...] ao invés do professor simplesmente disponibilizar materiais, as crianças devem ser desafiadas a explorar os materiais em todas as suas possibilidades, como numa atividade banal com o lápis de cor e papel. Podemos transformar essas propostas simplistas e comuns em uma proposta instigadora e fonte de descobertas, além de conhecermos as hipóteses das crianças sobre o que vamos trabalhar. (1999, p. 57).

A Arte tridimensional, ou modelagem, é uma atividade basicamente sensorial. Podemos trabalhá-la usando massas de biscuit caseiras, argila em barro, jornal, terra, massinha, gesso e até mesmo massa comestível. Através da modelagem, a criança tem a possibilidade de melhorar sua motricidade e ampliar sua capacidade de criatividade, pois a modelagem pode ser usada em vários aspectos da aula ou em qualquer outro ambiente em que a criança esteja.

As diferentes formas de expressão permitem ainda à criança comunicar com os pares e os adultos as experiências vividas e os conhecimentos adquiridos. Elas têm o privilégio de aprender através das suas comunicações e experiências concretas. Promove-se o desenvolvimento intelectual da criança através de uma focalização sistemática na representação simbólica. Arte significa ter mais linguagens significativas, diferentes formas de ver e representar o mundo.

A modelagem propicia para a criança o ato de se expressar livremente, promovendo a habilidade na coordenação motora.

As Artes Visuais, em geral, podem ser usadas também como interdisciplinaridade, ou seja, com outros conteúdos de outras disciplinas como, por exemplo, o jornal que, depois de lido, pode ser reciclado, transformado em um novo papel que será reutilizado na escola. Trabalha-se, então, a sustentabilidade.

Pela modelagem também conseguimos perceber o quanto é importante a criança expressar os seus sentimentos, fazendo com que os educadores reflitam sobre a utilização da modelagem para o desenvolvimento cognitivo, afetivo e motor da criança.

Mídia, arte e educação

Dizer que estamos no mundo da informação e na era da informática já virou clichê. Na verdade, o que vemos é que os meios de comunicação garantiram uma forma de que o acesso à informação fosse possível a todas as camadas sociais. Aqui não entraremos na discussão sobre a qualidade e veracidade da informação, o que nos interessa realmente é entender minimamente qual a influência da mídia como veículo de divulgação e de produção artística.

Com alguns cliques em um teclado, somos capazes de ver por uma tela de computador obras de Da Vinci, Picasso, Monet. Sem sequer sairmos de casa, entramos em contato com séculos de história e culturas, desde as manifestações artísticas mais clássicas até as contemporâneas. Um universo de possibilidades se abre. A imagem na tela do computador ou da televisão, os impressos, os jornais, as revistas e os catálogos são hoje os grandes divulgadores da arte.

As novas formas de produção artística que brotam das novas tecnologias impressionam com suas cores, formas e movimento. São editorações gráficas, *web designs*, montagens de fotografias, vídeos. É a arte visual se atualizando e se modificando, sem, contudo, abandonar a grande razão da existência da arte que é a expressão de ideias e sentimentos.

A tecnologia não veio para nos afastar dos ideais artísticos, embora seja o que aconteça em alguns casos. É possível e necessário ver nos avanços tecnológicos uma forma segura de produção e resgate do fazer artístico aliado às novas exigências sociais.

No processo de educação realizam-se, ainda, dois movimentos: um primeiro, em que é feita a mediação entre o social, a prática construída e o indivíduo, no qual se forma a base dos pensamentos individual e coletivo e é quem possibilita a continuidade do processo histórico da cultura; e em segundo, que se caracteriza pela mediação que a palavra e a imagem fazem entre o pensamento individual e o social e pela possibilidade que cada um tem de ser sujeito, de reelaborar produzindo o novo, revelando como a educação se envolve na tensão entre o individual e o social (MELO; TOSTA, 2008, p. 55).

Como mediadora desse processo de interação, entra a escola, local privilegiado da construção e reprodução cultural, cumprindo o papel de tecer as relações necessárias entre o conhecimento do clássico e do novo, como uma ponte entre os sujeitos e o mundo artístico.

Recorte e colagem

O recorte e a colagem são um processo usado há muitos anos para decorar igrejas, praças, casas, quadros, usando diferentes materiais como, por exemplo, ladrilhos, pedras, papéis e outros. A junção desses materiais formava uma figura, denominada mosaico.

Com as crianças, esse processo também é muito utilizado:

Uma maneira interessante de trabalhar com colagem consiste em cortar ou rasgar formas de figuras de cores e texturas variadas. Começa-se recolhendo papéis, papelões e tecidos de texturas e cores diferentes. Podem ser empregados muitos tipos de papel: lisos, rugosos, brilhantes, grossos, finos... As fotografias das revistas são muito úteis, porque têm uma grande quantidade de cores diferentes. (COLL; TEBEROSKY, 2004, p. 64.).

Tendo uma folha de papel à sua frente, a criança pode explorar vários aspectos dela. Surgem ideias sobre o que se pode fazer com ela; experimentam-se sensações passando a mão sobre ela. Toda exploração leva à aquisição de conhecimentos sobre suas características: se a folha é lisa ou áspera; se pode ser dobrada ou amarrotada; como ela fica se submetida a amassos, rasgões e picagem; se ela pode ficar de um jeito que expresse alegria ou tristeza...

Os trabalhos de recorte, colagem e aplicação propiciam à criança dos primeiros anos escolares o aperfeiçoamento de conteúdos de coordenação motora, criatividade e desenvolvimento da sensibilidade, noções de espaços e superfície. O primeiro interesse da criança, ainda pequena, é no recorte puro, sem a intenção de formar figuras. À medida que ganha segurança no domínio da tesoura sobre o papel, surge a ideia de transformar pedaços de papel em figuras significativas e de utilizá-las a fim de compor cenas. A partir daí, ela vai manifestando preferências dentro da atividade, distinguindo papéis e possibilidades de recortes, colagens e aplicações. Revistas, jornais, papéis de diferentes texturas e pequenos objetos passam a ser vistos como fonte de pesquisa.



Figura 4

Fonte: Simone Villani

A justaposição e a sobreposição de figuras levam a criança a aprimorar suas noções de orientação espacial, a partir da percepção das partes em relação ao todo. O trabalho pode evoluir para a aplicação sobre objetos de uso, como a intervenção em capas de caderno ou caixas, e o trabalho final também pode ser posto em moldura, valorizado como objeto de exposição.

A criança deve ter liberdade para exercer sua criatividade, executando ideias criativas e o capricho com o acabamento final das produções artísticas. Picando com as mãos, com o auxílio de uma tesoura ou simplesmente da forma como encontra o material desejado para a colagem, a criança trabalha o seu cognitivo ao perceber o tamanho, a espessura e o modo como encaixar a matéria no local desejado.

Como mediador do conhecimento, o professor é essencial para incentivar o aluno pelo caminho da arte ou por outra área do conhecimento, oferecendo os melhores suportes, de forma que venha a somar no seu crescimento e na sua formação.

Pode-se abordar na atividade de recorte e colagem a manipulação e a exploração de diferentes materiais, independentemente de sua utilização na realização de um produto final. A mistura de materiais propicia trabalhos muito interessantes, como a colagem de tecidos rústicos com beiradas desfiadas sobre cartões cortados em papel reciclado.

Considerações Finais

As Artes Visuais são uma forma que a criança tem de expressar-se com sua visão de mundo e com isso desenvolver-se nas dimensões afetiva, motora e cognitiva, utilizando as diferentes linguagens artísticas que compõem as artes visuais, tendo a oportunidade de construir, criar, recriar e inventar, tornando-se um sujeito ativo e crítico na sociedade.

As Artes Visuais, em uma perspectiva histórica, percorreram um longo caminho

para serem reconhecidas institucionalmente. Na medida em que a criança conquistou seu lugar na sociedade como participante ativa da construção do seu conhecimento, as diferentes linguagens das Artes Visuais passaram a ser objeto de estudo por muitos teóricos, que perceberam a necessidade de elas serem trabalhadas principalmente na Educação Infantil (crianças de zero a cinco anos), uma vez que são o principal auxílio no desenvolvimento cognitivo, afetivo e motor.

De acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, o ensino das artes passou a ser um componente curricular obrigatório, nos diversos níveis da educação básica, de forma a promover o desenvolvimento cultural dos alunos.

Além das Artes Visuais trabalharem o afetivo e a interação social da criança, elas contribuem para o desenvolvimento da motricidade infantil e de outros conteúdos trabalhados em sala de aula que irão refletir, futuramente, na vida pessoal, escolar e profissional do indivíduo.

Cada movimento, expressão ou recorte de papel constitui-se num direito que a criança tem de conhecer o mundo, expressar seus sentimentos sem a fala.

Muitas escolas utilizam esses recursos para a formação da criança como um ser completo, trabalhando-os não como passatempo ou um recurso decorativo, mas sim como uma forma de aprendizagem lúdica, repleta de objetivos importantes no desenvolvimento da criança.

Expressando-se no papel, com argila, na tela, fazendo colagem, a criança faz arte naturalmente.

A arte proporciona um contato direto com nossos sentimentos, despertando no indivíduo maior atenção ao seu processo de sentir.

Abstract

This article presents the history of art, which is seen as a science to be recognized institution, has come a long way, the importance of working within the Visual Arts classroom, making a reflection on the cognitive, affective and child's motor through the different artistic languages present in the visual arts. Identifying and showing how the child develops learning through the visual arts (painting, drawing, art three-dimensional (modeling), and cutting and pasting). In this paper we use theoretical issues related to the Visual Arts, Art and Education, Psychology (child development), Education, Legal documents that address the issue of teaching art to children, and in the current context of a globalized world, the question of how media published and influenced artistic production.

Key words: Visual Arts; Cognitive; Social Relation, Child

Referências Bibliográficas

ALBINATTI, Maria Eugênia Castelo Branco. **Artes visuais**. Artes II. Belo Horizonte. 2008.

BARBOSA, Ana Mae. **Arte Educação no Brasil: do modernismo ao pós-modernismo**. São Paulo, 2003. Disponível em: <http://www.revista.art.br/site-numero-00/anamae.htm> Acesso em: 26 abr. 2010.

BEMVENUTI, Alice. O que rompe, o que continua. Para onde vamos mesmo? In: **Seminário sobre o Ensino Superior de Artes e Design no Brasil**. Salvador, 1997.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. **Parâmetros Curriculares Nacionais: arte/Secretaria de Educação Fundamental**. Caracterização da área de arte. 2. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2000. Cap.1, p. 19-43.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

COLL, César; TEBEROSKY, Ana.
Aprendendo arte: conteúdos essenciais para o ensino fundamental. São Paulo: Ática, 1999. 256 p.

CUNHA, Suzana Rangel Vieira. **Cor, som e movimento:** a expressão plástica, musical e dramática no cotidiano da criança. Porto Alegre: Mediação, 1999.

LEI DE DIRETRIZES E BASES PARA A EDUCAÇÃO BRASILEIRA. Disponível em: www.planetaeducacao.com.br/novo/legislacao/ Acesso em: 26 abr. 2010.

MELO, José Marques de; TOSTA, Sandra de Fátima Pereira. **Mídia & educação.** Belo Horizonte: Autêntica, 2008. 111 p.

PANOFSKY, Erwin. **Significado nas artes visuais.** Lisboa: Editorial Presença, 1989. 439 p.

PIAGET; INHELDER, B. **A psicologia da criança.** São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1973.

VILLANI, Simone. 2009. Fotos. Disponível em: www.recreio.etc.br/blog.asp